

O registro da memória através dos diários virtuais: o caso dos *blogs*

Luciana Moreira Carvalho
Monica Marques Carvalho

RESUMO

Este artigo trata da questão dos diários virtuais ou *blogs*, como uma nova possibilidade de registro da memória. Para tanto, através de pesquisa bibliográfica explana a respeito de temas como o desenvolvimento da sociedade da informação, favorecendo e sendo favorecida pela dinamização dos novos meios de informação e comunicação. Aborda a noção de estoques de informação, como meio de substituir os "homens-memória", presentes na sociedade sem escrita, sendo ainda o princípio da construção da memória registrada. Faz a distinção entre memória individual e coletiva e conclui apontando os *blogs* como uma ferramenta de comunicação utilizada no ambiente virtual, que pode vir a favorecer a valorização da informação e da memória, em contraposição ao estereótipo de fugacidade característica dos ambientes virtuais.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. *Blogs*. Memória em ambientes virtuais.

1 Introdução

A necessidade do homem em registrar sua vivência, suas lembranças vem de períodos remotos. Desde que o homem apareceu na terra, existem indícios de formas de registros de sua vida, a exemplo dos tempos das cavernas através das inscrições rupestres, como um legado das gerações que nos antecederam. A maneira como se registra, o meio, não importa. O que importa é que haja algo a contar, seja em cavernas, oralmente, em papel ou através de uma tela de computador.

Esse registro se traduz especificamente no elemento informação. Atualmente existem várias definições do que seja informação. Porém, para o escopo deste trabalho adotaremos a definição de Barreto (1994) onde ele coloca que

A informação sintoniza o mundo. Como onda ou partícula, participa na evolução e da revolução do homem em direção à sua história. Como elemento organizador, a informação referencia o homem ao seu destino; mesmo antes de seu nascimento, através de sua identidade genética, e durante sua existência pela sua competência em elaborar a informação para estabelecer a sua odisséia individual no espaço e no tempo. (BARRETO, 1994)¹

A forma como a informação “sintoniza o mundo” é bastante diversificada, principalmente em se tratando da variada gama de possibilidades para alcançar esse fim, podendo ser armazenada em diferentes suportes, seja impresso, digital, através de ondas sonoras ou audiovisuais (LE COADIC, 2004). No entanto, há um elo com todos esses suportes, que é o sentido, a forma compreensiva e lógica com que a informação é inscrita, facilitando assim o seu resgate.

Nessa perspectiva, faz-se necessário perceber a relevância que os registros da informação tomaram na sociedade. Primeiro, substituindo a oralidade, através da escrita, posteriormente multiplicando a informação através das diferentes fontes, destacando nesse momento, os acervos das bibliotecas como meio de dar suporte à “[...] uma das funções do cérebro humano, que é a memória” (LE COADIC, 2004, p.5). Esta evolução provocou o que se deno-

¹ Documento eletrônico

minou explosão documental, posteriormente chamada explosão da informação, engatilhada através da invenção da imprensa, dos tipos móveis por Gutenberg, no século XV. Este fenômeno provocou a multiplicação de documentos e conseqüentemente do conhecimento em sociedade. É com base nesses conceitos que será traçado um caminho mostrando os encontros e os conflitos em uma nova sociedade que surge, no qual a principal “ferramenta” de sua própria construção é a informação. Através da possibilidade de uso dessa “ferramenta”, iremos tratar da questão da memória em ambientes virtuais utilizando para tanto os *blogs*, conhecidos como diários virtuais, e que neste contexto será percebido como uma possibilidade a mais de se tornar um depósito da memória recente da nossa sociedade.

2 Vertentes da sociedade da informação

Podemos comparar a sociedade da informação a um prisma em suas diferentes partes, onde cada uma delas ora dispersa, ora refletindo a luz, dependendo de onde se olha, se posiciona, e a cada olhar, uma nova imagem surge.

Dentre essas imagens se percebe o domínio e a *transformação* de estruturas através da informação. Desse modo, a informação é algo capaz de transformar estruturas (sendo estas relacionadas ao mundo real). Esta transformação de estruturas é refletida, principalmente, no âmbito social. Assim a informação que vem do meio externo se junta à memória, que representa a experiência individual, e através do processo de reflexo há uma influência e até *modificação* do próprio organismo. Segundo Zeman (1970) “[...] a natureza se imprime cada vez mais profundamente no organismo.”

Caminhando sobre alguns conceitos de informação, percebemos que termos como *processo*, *transformação*, *reflexo*, *modificação* estão inseridos na idéia de sociedade da informação que remete à explosão, relação homem/conhecimento/mercado, comunicação, desterritorialização da informação, tudo isso ligado à idéia de movimento, fluxo, vida.

Nesse contexto, a sociedade da informação terá o olhar direcionado para a seqüência: rede, fluxo, inovação, por entender que esses são pontos que se completam, estão presentes e mostram um lado dinâmico e importante da sociedade.

Num ambiente onde informação é processo e produto, não é possível dissociá-la de sua relação com conhecimento e com a comunicação. De acordo com Le Coadic (2004, p.5) “[...]conhecer é ser capaz de formar a idéia de alguma coisa[...]”. Nesse sentido, a informação potencial “morta” se transforma em uma informação atual “viva”, quando o receptor reage a essa informação e transforma sua estrutura de conhecimento, organizando uma nova informação, alimentando e realimentando o processo entre emissor e novo receptor. A informação se torna, assim, a base de novos conhecimentos que são responsáveis pela elaboração de novas informações, formando um ciclo de informação e conhecimento capaz de motivar uma ação. Nessa ação predomina um outro processo, o da comunicação. Partindo de sua definição que vem do latim *communicare*, cujo significado seria “tornar comum”, “partilhar”, “repartir”, “associar” e ainda “trocar opiniões”, vê-se que a comunicação é a resposta de um organismo a um estímulo e, ainda, é o processo que possibilita a troca de informações entre as pessoas; porém mais do que uma troca ou transferência de informação deve haver uma co-participação. Informação e comunicação caminham juntas como processo e produto, objetivando a transferência da informação. Essa transferência se dá através de diversas formas, todas utilizando algum tipo de suporte, seja ele sinais sonoros, gráficos, impressos ou eletrônicos. Essa diversidade de suportes, aliada a evolução da informática, evidencia ainda mais a necessidade de tratamento e representação da informação, como forma de padronizar e permitir sua recuperação eficaz, independente do seu suporte.

Assim, a evolução nas formas de tratamento da informação, inauguram uma nova fase de manipulação desses itens informacionais, a partir da aplica-

ção de novas tecnologias para o seu armazenamento, tratamento e difusão. Esses conjuntos de informações se traduzem em “estoques informacionais”. Para Barreto, estoque de informação é

[...] a reunião de estruturas de informação. Estoques de informação representam, assim, um conjunto de itens de informação organizados (ou não), segundo um critério técnico, dos instrumentos de gestão da informação e com conteúdo que seja de interesse de uma comunidade de receptores [...] (BARRETO, 2000).²

É aí que se percebe um outro ponto complementar a essa questão que é a memória. O processo de formação da memória encontra-se atrelado à noção de estoques, concretizando-se, principalmente, através de uma comunidade de receptores, como anteriormente mencionado, bem como em nível individual. Mas, se torna interessante entender como os registros e estoques são formados.

3 A construção da memória através de estoques de informação

Em seu livro *História e memória*, Le Goff (1994) enfoca indiretamente a questão dos estoques de informação como repositórios naturais da memória. Desse modo coloca que

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou o que ele representa como passadas (LE GOFF, 1994, p.423).

Percebemos em sua escrita, a valorização da informação presente e passada como forma de registro da memória. Ele avança ainda mais quando coloca que as informações armazenadas são passíveis de serem comunicadas através do tempo e do espaço. Assim, o registro é realizado por um processo individual de marcação e memorização.



² Documento eletrônico

Para Halbwachs (2004), a memória é construída pela soma de nossas experiências em relação à percepção de tempo. Desse modo, quando ativamos nossas lembranças, é comum que façamos uma visita a este determinado período que se encontra impregnado de vários elementos (cheiros, sons e outros). É a memória individual agindo para nos remeter a um tempo só nosso. O mesmo autor relata ainda que nós podemos acessar as nossas lembranças, e quando isso acontece é como se o espírito visitasse rapidamente o fato, fazendo com que a noção de tempo acelerasse (HALBWACHS, 2004). Isso nos leva a concluir que a construção da memória é dissociada de uma forma materializada, na medida em que se constitui em um processo subjetivo, passível de interpretações individuais.

Porém, junto a essas memórias individuais há uma outra, que é a memória coletiva. Halbwachs (2004) coloca que os indivíduos se conduzem com a ajuda da memória do grupo, e é necessário entender que essa ajuda não implica na presença atual de um ou vários membros do grupo.

Essa forma de preservação da memória, independentemente da presença de alguns membros do grupo, é o que Le Goff (1994) aponta como sendo a “história ideológica” ou memória coletiva, onde há uma tendência em confundir a “história e o mito”. Segundo o autor, isso se faz presente principalmente em sociedades “sem escrita”, onde surge a presença dos “homens-memória [...] que são a memória da sociedade[...]” (LE GOFF, 1994, p.429), e representam tanto a memória factual como a ideológica. Numa perspectiva complementar, Chauí (2003) aborda a memória individual como “[...] uma forma de percepção interna chamada **introspecção**, cujo objeto é interior ao sujeito do conhecimento [...]” (CHAUÍ, 2003, p.138). E na dimensão coletiva a autora enfatiza a “[...]memória objetiva gravada nos monumentos, documentos e relatos da história de uma sociedade.” (CHAUÍ, 2003, p.138).

Porém, podemos perceber que não se tem uma ruptura brusca nas formas de preservação da memória. O fato dos “homens-memória”, menciona-

dos por Le Goff (1994), não existem mais, não nega a existência de uma cultura com vestígios de oralidade. O mesmo aconteceu na passagem do livro manuscrito para o impresso. Quando se menciona este fato, aparentemente se tem um divisor categórico que é a década de 1450, quando ocorre a invenção dos tipos móveis por Gutenberg. Porém a cultura do manuscrito se estendeu até o século XIX, principalmente quando se tratava de “[...] textos proibidos, cuja existência devia permanecer secreta[...]” (CHARTIER, 1998, p.9). Os segredos eram assim restritos a poucos além do copista, que de maneira rebuscada os perpetuavam num papel.

Outro passo dado no sentido de registro e resgate de uma memória pode ser sentido através do texto eletrônico. Agora não é mais o papel manuscrito ou impresso, mas sim uma tela, fazendo a ponte entre o texto e o leitor. Suas características diferem do livro em rolo da antiguidade ou do livro contemporâneo como o conhecemos. Sendo assim percebe-se que

O fluxo seqüencial do texto na tela, a continuidade que lhe é dada, o fato de que suas fronteiras não são mais tão radicalmente visíveis, como no livro que encerra, no interior de sua encadernação ou de sua capa, o texto que ele carrega, a possibilidade para o leitor de embaralhar, de entrecruzar, de reunir textos que são inscritos na mesma memória eletrônica: todos esses traços indicam que a revolução do livro eletrônico é uma revolução nas estruturas do suporte material do escrito assim como nas maneiras de ler. (CHARTIER, 1998, p.13)

Para Chauí (2003), a memória na nossa sociedade é ao mesmo tempo valorizada e desvalorizada. A valorização se dá através da diversidade das instituições de preservação, como bibliotecas, museus e arquivos, dos diversos meios de registro da informação, tendo como exemplos filmes, vídeos, computadores e outros, além do avanço das ciências que tratam da “memória genética”. Porém a desvalorização é sentida quando ela é vista como algo dissociado da capacidade de adquirir conhecimento. A visão da máquina substituindo a nossa memória, nos remete a uma supervalorização do que é novo e moderno, criando assim uma cultura do descartável, em detrimento da valorização do próprio homem.

Chegamos, portanto, a constatação de que estamos diante de mais uma inovação na história da escrita, da leitura e dos estoques de informação e a memória: a solidificação do computador. E que devemos torná-lo um aliado no processo de retenção de uma informação, de uma experiência ou recordação.

4 A memória no ambiente virtual: o caso dos *blogs*

Vivemos atualmente a exploração e adescoberta das potencialidades dentro do mundo da grande teia de comunicação, a *world wide web* (www), onde algumas revoluções já aconteceram. Uma das mais recentes é a utilização cada vez maior dos *web logs* (abreviadamente, *blogs*), termo de origem americana, que provém da contração das palavras *web* (página na Internet) e *log* (diário de navegação) (SCHITTINE, 2004). De acordo com o *Dicionário de informatiquês*, o termo *blog* pode ser definido como

Jornal pessoal publicado na Web, normalmente com toque informal, atualizado com frequência e direcionado ao público em geral. *Blogs* geralmente trazem a personalidade do autor, seus interesses e um relato de suas atividades. (DICIONÁRIO de informatiquês, 2005, p.2).³

Para Martle (2005, p.86), o *blog* é “[...] uma ferramenta que permite a qualquer pessoa criar uma página na rede de forma simples e rápida[...]”, tendo um conteúdo diversificado, podendo conter além de texto, fotos e vídeo. Uma outra característica dessa ferramenta é a facilidade de interação com outros internautas. O fato é que os diários virtuais já estão sendo considerados uma ferramenta revolucionária, principalmente pela facilidade da autopublicação. Expressões como “compartilhamento de informações”, “inclusão social” e “discussão de idéias” são utilizadas pelos adeptos dessa ferramenta. Conhecidos também como diários virtuais, apresentam-se como um fenômeno em grande expansão na Internet, principalmente pela facilidade de uso.

■
³Documento eletrônico

O Brasil já é campeão de acesso à Internet, e isso se mostra através de pesquisa realizada pelo instituto de pesquisa Nielsen/NetRatings em abril de 2005. O tempo estimado dos brasileiros “navegando” é em média de 15 horas e 14 minutos, enquanto no Japão é de 14 horas e 20 minutos e nos Estados Unidos de 13 horas e 21 minutos. O que desperta mais atenção dos “internautas” após os sites governamentais, são os blogs. (TEMPO..., 2005)⁴

Os *blogs* estão deixando a informalidade das salas de bate-papo, com seu aspecto amador e adolescente, para se destacar na imprensa e até se tornar tema de trabalhos acadêmicos, a exemplo do livro *Blog: comunicação e escrita íntima na Internet*, da jornalista Denise Schittine, publicado em 2004, como resultado de sua dissertação de mestrado pela UFRJ. Nele a autora aborda vários aspectos dos *blogs*, também chamado de diários íntimos. Dentre esses aspectos estão a questão da fragilidade da memória virtual, advinda principalmente pela própria instabilidade da rede; o desejo do compartilhamento de escritos íntimos com os “outros”, o que pode ser considerada a grande diferença entre os diários em papel, onde o segredo era (e é) imperativo, e os *blogs* onde a opinião do leitor pode mudar completamente a relação entre autor e leitor. Um outro ponto abordado por Schittine (2004) é a função jornalística que os *blogs* assumiram. Há uma grande presença de amadores responsáveis por “furos jornalísticos”, que são repassados instantaneamente a uma infinidade de pessoas, bastando acessar tal *blog*.

Portanto, a publicação desse livro mostra um outro lado das potencialidades de uma ferramenta tecnológica, o lado da interação com o homem de uma maneira mais “humanizada”. Ela (a ferramenta) como um *meio* de comunicação, e não como um fim em si mesma.

A literatura, através de Morin (2003), aponta para a necessidade da educação tornar evidente o conhecimento pertinente, utilizando para tanto questões que se tornam invisíveis num pensamento fragmentado. São elas: o con-

■
⁴Documento eletrônico

texto, o global, o multidimensional e o complexo. Nessa linha de pensamento, o contexto dá sentido a um conhecimento, enquanto o global “[...] é o todo organizador de que fazemos parte [...]” (MORIN, 2003, p.37). Nesse contexto, o multidimensional permite uma visão holística de um fato, tendo em vista que a sociedade comporta várias situações. E por fim a complexidade aponta para a educação como promotora de uma “inteligência geral” dentro de uma situação global, possível através da educação do futuro (MORIN, 2003). A partir dessa percepção, e concordando com as idéias do autor, temos uma possibilidade de utilizar uma ferramenta desenvolvida na área tecnológica, que já começa a ser usada com frequência por estudiosos da comunicação, e vinculá-la à questão da memória num ambiente virtual, caracterizado aqui através dos diários virtuais, os *blogs*.

A intenção de “religar os saberes”, de aliar a inovação dos *blogs* como possibilidade de trabalhar com informação, educação e memória é um tema instigante e também importante, já que há fortes indícios do crescimento e da diversidade de uso dos diários virtuais, que a princípio serviam a um público exclusivamente adolescente e hoje já apresenta mostras da sua diversificação, a exemplo do seu uso por testemunhas dos ataques de 11 de setembro em Nova Iorque, ou de um habitante iraquiano relatando em seu diário o cotidiano de guerra em seu país. Este fato é relatado no livro *O blog de Bagdá*, escrito por Salam Pax, pseudônimo do autor que mantém sua identidade em sigilo. Nele, o autor publica como foram os piores dias dos ataques norte-americanos ao Iraque. Relatos que marcam a história da guerra vista por um cidadão iraquiano, que ajudam na construção da memória da guerra, escrita em um ambiente virtual. Fato que lembra outra situação de registro de memórias individuais em diários, como é o caso do famoso *Diário de Anne Frank*, que registrou seus momentos de terror durante o holocausto e se tornou um documento histórico importante para a humanidade. O diário funcionava como o “guarda-memória”, substituindo de certa forma os “homens-memó-

ria”, imprescindíveis em uma sociedade sem a tradição da escrita. Não podemos, portanto, deixar de olhar por outro prisma para questões aparentemente ultrapassadas e/ou adormecidas. O diário em papel foi e ainda é um grande incentivador da escrita, do crescimento intelectual e por que não dizer da construção de uma memória individual em muitas ocasiões, que se tornam parte da memória coletiva. Esses são fatores que merecem uma reflexão e um olhar mais cuidadoso.

O sentido de fugacidade e efemeridade que o virtual traz entra em choque com o sentido de registro de memórias estabelecido nos *blogs*. Esse “sentido de registro de memórias” é percebido quando se admite que memória “[...] é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também *registro do presente* para que permaneça como lembrança.” (CHAUI, 2003, p.140, grifo nosso). Sendo, portanto, essa ponderação entre presente e passado, registro e fugacidade, o grande desafio a se desvendar com os *blogs*.

5 Considerações finais

Os *blogs* já se mostram como uma ferramenta tecnológica que está sendo usada por profissionais de áreas como a comunicação, tecnologia da informação, marketing dentre outras, e precisa ser considerado como um aliado na trajetória da escrita da memória da sociedade contemporânea.

A perspectiva de crescimento pessoal e intelectual através da interação com o outro, o princípio da noção de ser social tem hoje nos *blogs*, um aliado, uma vez que as relações continuam a existir, mesmo que através de uma máquina. A exemplo disso temos uma reportagem vinculada à *Folha de São Paulo*, cujo título é “Usuários aprovam simplicidade”, que relata a opinião de alguns usuários de *blogs*, satisfeitos com essa ferramenta, e a usam para potencializar suas expectativas em relação a temas específicos, como inclusão social e aumento do conhecimento em determinados assuntos. Vejamos a seguir:

Nos *blogs*, todos falam e ouvem livremente, num diálogo coletivo e anárquico. Ninguém detém o controle do fluxo de informações e o conhecimento é compartilhado gratuitamente, acrescenta Rossana Fischer, 35, do blog Wumanity. "O blogging é um elemento de democratização da internet pela possibilidade de inclusão social e discussão de idéias", comemora João Pedro Sartori Filho, editor do Guia de *Blogs*" <http://www.sobre.sites.com/blog>" > www.sobre.sites.com/blog). Denis Dias, 27, do Concatenum.com, levanta outro ponto. "Nos dois anos e meio em que mantenho meu blog, *percebi que fiquei mais observador, mais crítico e sempre disposto a um debate* [grifo nosso]. Tudo, qualquer tema, pode render uma mensagem." (USUÁRIOS..., 2003).⁵

Essas questões dão margem a algumas observações que podem ser feitas, como o aumento do hábito da escrita e da leitura dos jovens a respeito de temas contemporâneos abordados na rede, a partir da grande quantidade de escritos (chamados de *posts*, ou bilhetes) trocados entre os interlocutores anônimos ou não, mantendo através dessa prática o velho hábito de trocas de correspondências e construção do senso crítico individual. E como já foi abordada, a possibilidade de encontrar nos *blogs* uma nova forma de registro da memória contemporânea, circulando livremente no ciberespaço.

The register of memory through virtual diaries: The case of blogs

ABSTRACT

The work deals with matters of virtual diaries or blogs, as a new possibility for the register of memory. Thus, it deals with themes related to information society, favoring and being favored by the dinamization of information and communication media, based on bibliographical research. It focuses themes such as information supply as a form of substituting "memory men", that were present in societies deprived of writing, as the beginning of the construction of registered memory. A distinction between individual and collective memory is attempted. Results show that blogs are considered a communication tool used in virtual environment that can favor the valuation of information and memory in opposition to the stereotype of rapid obsolescence that characterizes virtual environments.

KEYWORDS: Memory. Blogs. Memory in virtual environment.

⁵ Documento eletrônico

El registro de la memoria a través de los Diarios Virtuales: El caso de los *blogs*

RESUMEN

Este artículo trata de los diarios virtuales o *blogs* como una nueva posibilidad de registro de la memoria. Con base en una investigación bibliográfica, discute temas como el desarrollo de la sociedad de la información, que favorece y es favorecida por la dinamización de los nuevos medios de información y comunicación. Aborda también la noción de estoque de información, como una manera de sustituir los "hombres-memoria", presentes en la sociedad sin escritura, que aún continúa como principio de construcción de la memoria registrada. Establece la diferencia entre memoria individual y colectiva y concluye apuntando los *blogs* como una herramienta de comunicación utilizada en el ambiente virtual, que puede favorecer la valorización de la información y de la memoria, en contraposición al estereotipo de fugacidad característica de los ambientes virtuales.

PALABRAS-CLAVE: Memoria. *Blogs*. Memoria en ambientes virtuales.

Referências

- BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os agregados de informação: memórias, esquecimento e estoques de informação. **DataGramZero – Revista de Ciência da Informação**, v.1, n.3, jun. 2000. Disponível em: <www.dgz.org.br>. Acesso em: 06 mar. 2005.
- BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, Fundação Seade, v. 8, n. 4, 1994. Disponível em: <<http://www.alternex.com.br/~aldoibct/quest/quest.htm>>. Acesso em: 06 mar. 2005
- BLOG: os *blogs* reúnem irmandades *online*. **Revista E**, ano 10, n. 11, maio de 2004. Disponível em: <revistae@sescsp.org.br>. Acesso: 17 jan. 2005.
- BLOG é disciplina de curso superior em faculdade norte-americana. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 jun. 2002. Caderno Informática. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/informat/fr1007200220.htm>>. Acesso em: 02 jun. 2005.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13ª. ed. São Paulo: Ática, 2003. 424p.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1998. 159p.
- DICIONÁRIO de informatiquês. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/dicionarios/dicionario-b.jhtm>>. Acesso em: 02 jun. 2005.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004. 197p.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124p.

LE GOFF, Jacques. **Memória e história**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1994. 553p.

MAIA, Karla. **A rede a favor da escola**. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u946.shtml>>. Acesso em: 26 out. 2004.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2003. 118p.

SCHITTINE, Denise. **Blog: comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 235p.

TEMPO de navegação é o maior já registrado no País. Disponível em: <http://publicidade.terra.com.br/noticias/tempo_navegacao.html>.

USUÁRIOS aprovam simplicidade. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 fev. 2003. Caderno Informática. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/informat/inde26022003.htm>>. Acesso em: 09 mar. 2005.

WEBLOGS: diários virtuais se popularizam na rede. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 26 fev. 2003. Caderno Informática. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/informat/fr2602200311.htm>>. Acesso em: 09 mar. 05.

ZEMAN, Jirí. Significado filosófico da noção de informação. In: SANTILLANA, Georgio de et. al. **O conceito de informação na ciência contemporânea: colóquios filosóficos de Rauaumont**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

Luciana Moreira Carvalho

Mestre em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Professora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: lmoreirac@ufrnet.br

Monica Marques Carvalho

Mestre em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Professora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

E-mail: monica_mcg@hotmail.com